

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale
(Organizadores)



Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale
(Organizadores)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Carlos Alberto Souza do Nascimento Júnior
Organizadores: Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S478 Sentidos em Gestalt-terapia [recurso eletrônico] : novas vozes, outros olhares / Organizadores Lázaro Castro Silva Nascimento, Kamilly Souza do Vale. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-355-2

DOI 10.22533/at.ed.552201609

1. Gestalt-terapia. I. Nascimento, Lázaro Castro Silva.
II. Vale, Kamilly Souza do.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

PREFÁCIO

Escrever o prefácio de uma obra não é uma tarefa fácil. A tarefa se torna ainda mais difícil quando se trata de um livro escrito por vários autores e autoras, composto de doze capítulos, que perpassam por temas pungentes e de extrema relevância na atualidade. Dado isso, me sinto realizando uma delicada tarefa e receosa de que não a cumpra de forma honrosa. Que me desculpem os autores e as autoras se meu prefácio não estiver à altura do valor que encontrei em cada um dos capítulos.

Como já nos indica o título “Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares”, o livro organizado por Lázaro Castro Silva Nascimento e Kamilly Souza do Vale tem a proposta de visibilizar autoras e autores que trazem contribuições inovadoras ao campo conceitual e técnico dessa abordagem, se debruçando sobre temas pouco tratados nos livros publicados em Gestalt-terapia no Brasil. A riqueza e a profundidade com que temas tão diversos são tratados me fascinou e me fez ficar absorta nas páginas do livro; creio que será exatamente a mesma experiência que os leitores viverão diante da obra em questão.

O primeiro capítulo escrito por Lázaro Castro traz reflexões provocativas sobre o que podemos ou não considerar Gestalt-terapia. No diálogo que Lázaro traça com seu leitor, o mesmo aponta a não homogeneidade conceitual que embasa a prática dos profissionais desta perspectiva psicoterápica. Então, Lázaro busca ao longo do capítulo elucidar o que considera os fundamentos conceituais e teóricos da Gestalt-terapia e trazê-los a nós em um texto claro, construído sobre sólidas referências teóricas.

O segundo capítulo é uma contribuição valiosa de Kamilly Vale ao campo da psicoterapia de casais em Gestalt-terapia. Kamilly desenvolve o texto a partir de sua própria experiência de trabalho com casais, tanto teórica quanto prática, nos trazendo um alerta quanto ao grau de violência que é encontrando usualmente no relacionamento íntimo e que se reflete em modelos comunicacionais pouco cuidadosos entre as partes do casal. Kamilly constata que a comunicação está muito além do que é meramente dito e o discurso entre casais permanentemente atravessado pelas influências culturais.

No terceiro capítulo encontramos um belíssimo texto tecido a seis mãos e que se debruça sobre o tema da felicidade dentro do ponto de vista da Gestalt-terapia. Os autores Patrícia Yano, Francisco Soares Neto e Mariana Andrade partem da constatação de que a busca pela felicidade, e pela compreensão do significado da mesma, é secular. No entanto, o tema não tem sido objeto de ampla reflexão nas obras de Gestalt-terapia, tarefa à qual se propõe os autores.

A autora Mariana Pajaro desenvolveu o quarto capítulo a partir das inquietações vividas na prática clínica com crianças. Mariana relata sua busca por maior aprofundamento teórico-técnico, permeada por um sensível testemunho de experiências vividas em sua

clínica nas quais descobriu a importância de entrar em contato com a criança que um dia ela foi.

O quinto capítulo versa sobre o tema do trauma e a autora nos conta sobre seu percurso profissional, no qual buscou técnicas específicas que têm como base os conhecimentos das neurociências. Simone Dreher defende o ponto de vista de que o trabalho com traumas em Gestalt-terapia pode ser enormemente enriquecido pela aproximação com os estudos contemporâneos das neurociências, apresentando alguns conhecimentos que adquiriu nesse intercâmbio que se propôs a fazer.

No sexto capítulo nos deparamos com mais um tema tocante: o processo de elaboração do luto decorrente do fim de uma união afetiva. Keila Santos, partindo da constatação de que o número de separações e divórcios é crescente na sociedade contemporânea, traz contribuições importantes sobre o tema, obtidas por meio de uma cuidadosa pesquisa bibliográfica, sob o prisma da Gestalt-terapia.

Ao chegarmos ao sétimo capítulo, escrito por Hayanne Alves e Wanderlea Ferreira, novamente somos colocados frente a frente com um tema impactante no que diz respeito às possibilidades e dificuldades da prática do gestalt-terapeuta no sistema prisional brasileiro. A ação profissional em um contexto tão adverso é apontada, pelas autoras, como de extrema relevância e a visão de ser humano da Gestalt-terapia pode servir como suporte para uma prática em que os aspectos criativos são valorizados.

Livia Arrelias, no oitavo capítulo, denuncia a quase inexistência de discussões sobre as existências pretas e indígenas em Psicologia, de maneira ampla, e em particular na Gestalt-terapia. A autora reflete sobre o quanto o modo elitista do desenvolvimento da Psicologia no Brasil se refletiu em práticas psicológicas discriminatórias e socialmente excludentes.

No capítulo nove encontramos o relato de uma pesquisa desenvolvida a partir de perfis de usuários do aplicativo Grindr, um aplicativo de encontros para homens. Paulo Barros identificou um perfil de homem ideal preconceituoso na população estudada, verificando concepções homofóbicas e misóginas, mesmo entre homens que se relacionam com homens. A partir daí, reflete sobre os conceitos de introjeção e fronteira de contato na Gestalt-terapia.

O décimo capítulo foi redigido por Gabriely Garcia, Tainá Tomaselli e Ana Carolina Galo. As autoras escrevem sobre a importância da música em nossas vidas e, em especial, na utilização desta como recurso terapêutico por musicoterapeutas ao longo da história. Partindo da integração teórica entre a profissão da Musicoterapia e a Gestalt-terapia, constroem uma proposta de Gestalt-Musicoterapia ou Musicoterapia Gestáltica.

O processo de luto durante a pandemia de Covid-19 de Heloá Maués e Michele Moura é o tema do penúltimo capítulo do livro. As autoras consideram a delicadeza da situação em que vivemos na qual o direito de vivenciarmos o luto e os rituais de despedida dos entes que amamos nos tem sido tirado não só pelas dificuldades próprias à pandemia,

mas também por uma ausência de políticas governamentais apropriadas ao enfrentamento desta.

Chegamos então ao capítulo de encerramento no qual, mais uma vez, somos confrontados com um tema de grande relevância que é pensar sobre a experiência da vergonha calcada nos conceitos da Gestalt-terapia. Larissa Carvalho buscou compreender o processo vivenciado por uma pessoa envergonhada e as implicações da moralidade social.

Daqui em diante, fica por conta do leitor o cuidado na leitura e a abertura para a reflexão que o livro poderá proporcionar. Espero que todos possam usufruir de tão rico material organizado no livro, tanto quanto eu o fiz.

Patricia Valle de Albuquerque Lima

*Gestalt-terapeuta e Psicóloga. Doutora em Psicologia pela
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do curso de Psicologia da
Universidade Federal Fluminense (UFF).*

APRESENTAÇÃO

Os escritos presentes na obra *Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares* são antes de tudo um manifesto afetivo. Convidamos Gestalt-terapeutas espalhadas/dos pelo Brasil para compor um material que fosse ao mesmo tempo rico em produção de sentidos, mas também que transbordasse afetividade e construção teórico-prática na Gestalt-terapia.

Os trabalhos apresentados aqui versam sobre temáticas contemporâneas e diversas provocando leitoras e leitores ao *sentir* enquanto se debruçarem sobre cada um dos capítulos. Nosso objetivo maior foi ouvir novas vozes, possibilitar um espaço e dar visibilidade para autoras e autores que realizam pesquisas e trabalhos importantes na área, compartilhando-os e os tornando acessíveis à comunidade de um modo geral.

Esperamos que esse passo inicial seja de fato a concretização de um desejo comum: integrar espaços dentro da Gestalt-terapia, dirimir nichos que detêm lugares previamente demarcados e disponibilizar um material de qualidade com temáticas que toquem aqueles que diariamente compõem e constroem o fazer gestalt-terapêutico.

Uma excelente leitura para todas e todos!

Lázaro Castro Silva Nascimento

Kamilly Souza do Vale

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
GESTALT-TERAPIAS E GESTALT-TERAPEUTAS: REFLEXÕES LINGUÍSTICAS E PLURALIDADE DE PRÁXIS	
Lázaro Castro Silva Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.5522016091	
CAPÍTULO 2	15
A COMUNICAÇÃO DIALÓGICA NO MANEJO COM CASAIS EM GESTALT-TERAPIA	
Kamilly Souza do Vale	
DOI 10.22533/at.ed.5522016092	
CAPÍTULO 3	31
OS ESTUDOS SOBRE A FELICIDADE E A GESTALT-TERAPIA	
Luciane Patrícia Yano	
Francisco Alves Soares Neto	
Mariana da Silva de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.5522016093	
CAPÍTULO 4	47
ESTAR-COM CRIANÇAS: EM BUSCA DA LINGUAGEM PERDIDA	
Mariana Pajaro	
DOI 10.22533/at.ed.5522016094	
CAPÍTULO 5	57
TRAUMA, NEUROCIÊNCIAS E GESTALT-TERAPIA: INTEGRANDO PRÁTICAS E ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS	
Simone Aparecida de Souza Dreher	
DOI 10.22533/at.ed.5522016095	
CAPÍTULO 6	67
DESATANDO OS “NÓS” E RECONFIGURANDO O “EU”: O LUTO DECORRENTE DO FIM DA CONJUGALIDADE NA GESTALT-TERAPIA	
Keila Andréa Araújo Costa dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5522016096	
CAPÍTULO 7	78
INTERLOCUÇÕES DA ABORDAGEM GESTÁLTICA NO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO	
Hayanne Galvão Pereira Alves	
Wanderlea Nazaré Bandeira Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.5522016097	
CAPÍTULO 8	93
REFLEXÕES DA CLÍNICA GESTÁLTICA SOBRE RELAÇÕES RACIAIS	
Lívia Arrelias	
DOI 10.22533/at.ed.5522016098	

CAPÍTULO 9	110
“QUERO MACHO COM JEITO DE MACHO”: FRONTEIRAS DE CONTATO ENTRE USUÁRIOS DO GRINDR	
Paulo Henrique Pinheiro de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.5522016099	
CAPÍTULO 10	126
GESTALT-MUSICOTERAPIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA E ALINHAVOS TEÓRICO-PRÁTICOS	
Gabriely Leme Garcia	
Tainá Jackeline Tomaselli	
Ana Carolina Tiemi Galo	
DOI 10.22533/at.ed.55220160910	
CAPÍTULO 11	137
O PROCESSO DE LUTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: LEITURAS GESTÁLTICAS	
Heloá Pontes Maués	
Michele dos Santos Moura	
DOI 10.22533/at.ed.55220160911	
CAPÍTULO 12	152
A PERCEPÇÃO DA VERGONHA SOB O VIÉS DA CLÍNICA GESTÁLTICA	
Larissa da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.55220160912	
SOBRE OS ORGANIZADORES	166

CAPÍTULO 11

O PROCESSO DE LUTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: LEITURAS GESTÁLTICAS

Heloá Pontes Maués
Michele dos Santos Moura

Quando não houver caminho
Mesmo sem amor, sem direção
A sós ninguém está sozinho
É caminhando
Que se faz o caminho

Enquanto houver sol, Titãs

O novo coronavírus (Sars-CoV-2) foi identificado pela primeira vez em dezembro de 2019, em Wuhan, na China, havendo destaque para os rápidos impactos causados na saúde, levando a quadros graves de doenças respiratórias e alarmante número de mortes.

O estado de pandemia foi declarado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, após ser constatado o eminente grau de disseminação do vírus em escala global, impulsionando autoridades a manifestarem medidas de prevenção e ações de cuidado para emergência em saúde pública.

Segundo dados da OMS, foram confirmados no mundo, até o dia 26 de junho de 2020, um total de 9.653.048 (nove milhões, seiscentos e cinquenta e três mil e quarenta e oito) casos de COVID-19 e 491.128 (quatrocentos e noventa e um mil, cento e vinte e oito) mortes registradas pela doença (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020). No Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde, até o dia 26 de junho, acumulava-se o número de 1.274.974 (um milhão, duzentos e setenta e quatro mil, novecentos e setenta e quatro) casos confirmados da doença, e 55.961 (cinquenta e cinco mil, novecentos e sessenta e uma) mortes contabilizadas (BRASIL, 2020). A transmissão detém como principal vetor o contato humano, dispendo como medidas de prevenção a necessidade de distanciamento e o isolamento social para quadros confirmados e/ou suspeitos da doença.

Diante da necessidade de intervenções em território nacional, as decisões políticas em saúde pública são de fundamental importância nesse cenário, gerando impactos socioeconômicos e no estado de saúde física e mental da população. As medidas de

1. Gestalt-terapeuta. Psicóloga (CRP 10/05372). Especialista em Avaliação Psicológica pela Faculdade Cambury (Goiás). Aprimoramento em Gestalt-terapia. Membro do GEGT – Grupo de Estudos em Gestalt-terapia (Pará).
2. Gestalt-terapeuta. Psicóloga (CRP 10/05788). Especialista em Avaliação Psicológica pela Faculdade Cambury (Goiás). Aprimoramento em Gestalt-terapia. Membro do GEGT – Grupo de Estudos em Gestalt-terapia (Pará).

proteção se diferenciam em cada região do Brasil, assim como os cuidados e investimentos em hospitais de campanha, que afetam diretamente os números de casos detectados e óbitos comprovados. Isso pode gerar instabilidade e medo em uma população que, de forma abrupta, precisa lidar com perdas significativas, trazendo a necessária discussão sobre o assunto destacado neste capítulo: o processo de luto.

Nessa perspectiva, considera-se importante destacar o cenário político vivenciado no Brasil, que dificulta o enfrentamento da pandemia da COVID-19. Além de precisar lidar com o medo da morte, do imprevisível, do desconhecido e com todas as limitações que o vírus traz, a população brasileira vive uma crise política, necessitando administrar situações de segregação entre aqueles que defendem, apoiam e são a favor das posturas adotadas pelo governo federal, minimizando o impacto da pandemia, e os que são contrários a essa postura, reconhecendo tais impactos.

A questão envolvendo essa problemática refere-se à atuação do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, com frequentes ações irresponsáveis por não seguir as medidas recomendadas por especialistas quanto à prevenção e ao isolamento social, desconsiderando a ciência ao retratar a COVID-19 como uma “gripezinha”, conduzindo o Brasil a um colapso sanitário e social, como noticiado em 25 de março:

Com um discurso feito sob medida para mobilizar seus seguidores mais radicais, o mandatário voltou a minimizar nesta terça-feira os riscos da doença, que já matou mais de 17.000 pessoas pelo mundo e 46 no Brasil, e se lançou contra a mídia, prefeitos e governadores. E contra as próprias evidências científicas [...]. Ele também aproveitou a ocasião para fazer uma provocação ao médico Drauzio Varella. “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar. Nada sentiria, ou seria quando muito acometido por uma gripezinha. Ou um resfriadinho, como diz aquele famoso médico” (BETIM, 2020, sem paginação).

A postura presidencial também parece inadequada quanto ao conflito permanente acerca da divulgação dos dados de casos confirmados e mortes pela COVID-19. Alguns meios de comunicação buscaram alternativas para manter os dados atualizados, como noticiado pelo Portal G1 (BRASIL..., 2020):

A parceria entre os veículos de comunicação foi feita em resposta à decisão do governo Jair Bolsonaro de restringir o acesso a dados sobre a pandemia da COVID-19. Personalidades do mundo político e jurídico, juntamente com entidades representativas de profissionais e da imprensa, elogiaram a iniciativa.

Mudanças feitas pelo Ministério da Saúde na publicação de seu balanço da pandemia reduziram por alguns dias a quantidade e a qualidade dos dados. Primeiro, o horário de divulgação, que era às 17h na gestão do ministro Luiz Henrique Mandetta (até 17 de abril), passou para as 19h e depois para as 22h. Isso dificultou ou inviabilizou a publicação dos dados em telejornais e veículos impressos.

Nota-se, então, que a própria ciência é questionada nesse momento, gerando incertezas e pânico na população que precisa de um direcionamento para enfrentar uma pandemia, mas, muitas vezes, é manipulada por discursos proferidos pelo representante do país, que são individualistas, gananciosos, que visam ganhos e lucro de uma parcela da população, em detrimento do bem-estar e da saúde dos brasileiros como um todo.

Tendo como base essa visão, Sousa, Souza e Santos (2020, p. 1) afirmam que “a ciência – quem a produz ou mesmo quem a admite – está sob ataque de uma fascistização generalizada”. Além disso, as autoras discorrem que a pandemia do novo coronavírus se encontra em estado agudo no Brasil, sintomático de uma condição que se torna crônica no país – o fascismo. O incentivo a posturas contrárias à ciência, aos dados relatados, gera um adoecimento populacional que visa apenas retroalimentar o poder político, o que causa danos sociais irreparáveis.

Nesse sentido, Aguiar (2020, p. 5) corrobora com tais ideias, ao ironicamente afirmar que...

[...] mesmo diante das tentativas de explicação em mídias populares e por especialistas em diferentes áreas, o vírus ainda não passa de conspiração. Talvez um superdimensionamento de uma “gripezinha” para atrapalhar as economias das nações.

A autora afirma, ainda, que cientistas são questionados e até mesmo ameaçados em situações públicas. Sousa, Souza e Santos (2020, p. 3) refletem:

A ciência não é inimiga dos que cuidam, dos que têm fé, dos que insistem, dos que reclamam, dos que trabalham, dos que não a leem, dos que não a escrevem, dos pobres. Mas é, ou deveria ser, daqueles que racionalizam a ignorância para se desresponsabilizar diante da fome, da dor e do sofrimento, que aceitam a morte para resguardar o poder destrutivo e a ganância.

Além dessa situação, tem-se a falta de medidas e políticas efetivas voltadas para o enfrentamento da crise. Moura (2020) afirma que as recomendações do Ministério da Saúde (como, por exemplo, isolamento social e quarentena) não acompanham políticas de compensação financeira ou fiscalização do setor de empregos e isso tem como consequência a não manutenção de tais medidas para uma parcela da população menos favorecida, que se vê obrigada a sair de casa para manter seu trabalho externo, mesmo sob grande risco de contágio.

Diante de toda esta problemática, compreende-se que a população brasileira vivencia um momento intenso, repleto de incertezas, dores e perdas que geram impactos no país como um todo. Neste cenário, observa-se a importância da educação e da informação à sociedade, pois se torna necessária a compreensão e reflexão crítica de todas as medidas divulgadas, e, em sentido mais profundo, os efeitos desses atos, incluindo os significados históricos, econômicos, políticos e simbólicos.

Tendo o luto um local de destaque nesse momento que vivenciamos, nota-se o

empenho de diversas instituições em divulgar, publicar e construir recursos que possibilitem a orientação da população e que proporcionem auxílio e acolhimento a quem necessita. Como exemplo, há a cartilha com orientações para a saúde mental e atenção psicossocial na pandemia, intitulada “Processo de luto no contexto da COVID-19”, criada pela Fiocruz (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2020). O material destaca alguns fatores apresentados no contexto atual, que podem ser agravantes para o processo de luto por coronavírus; aumento na frequência de óbitos; necessidade de isolamento, que distancia a rede de apoio presencial; particularidades quanto aos funerais; e ausência de rituais de despedida.

Assim, pode-se considerar que existem especificidades diante da perda por COVID-19, havendo enfrentamento de situações imprevisíveis e a proximidade da morte. Deve-se destacar, também, fatores relevantes como a falta de informações concretas sobre tratamentos efetivos contra a doença, a própria crise política, mudanças de rotina e mudanças nos métodos de tratamentos de saúde, que podem ser considerados perdas relevantes para o sujeito.

Nesse contexto, o objetivo deste estudo é compreender o processo de luto de sujeitos que tiveram rompimento de laços significativos durante a pandemia da COVID-19 a partir de leituras da Gestalt-terapia. Para isso, inicialmente, serão apresentadas algumas considerações sobre o tema do luto.

VIVÊNCIAS DO LUTO E RITUAIS DE DESPEDIDA

Uma das certezas diante do desenvolvimento biológico e vital do ser humano é o processo da morte e do morrer. Entretanto, questões referentes a esta temática são constantemente evitadas ou se tornam restritas e até mesmo proibidas, desautorizadas de serem expressas ou debatidas. Tais restrições relacionam-se ao fato de tornar consciente o processo de finitude do ser, o que pode ser uma ação dolorosa, quando, de fato, há uma reflexão que leve a sentir dentro de possibilidades o rompimento de laços afetivos com pessoas significativas para cada sujeito, afastando a abordagem do assunto da atmosfera social.

Além dessa perspectiva, tem-se a percepção de que a sociedade moderna tende a evitar a angústia, o desconforto e até mesmo a dor psíquica, preocupando-se e supervalorizando a exposição de sentimentos e momentos felizes. Observa-se uma aceitação muito maior em redes sociais de compartilhamentos alegres, ganhando-se mais *likes* por estas, do que a exposição real do sofrimento vivido. Nesta perspectiva, Freitas (2013) afirma que a modernidade é intolerante ao sofrimento, pois associa-o sempre à produtividade baixa ou à incapacidade do sujeito para lidar com seus sentimentos. É neste viés que, ainda segundo a autora, questões existenciais, tais como a transitoriedade da vida, angústia ou efemeridade, relativas ao processo de morte e morrer, são evitadas a todo momento. Outros autores afirmam:

Em momentos de perda de um ente, a sutilidade passa a ser a forma mais coerente de manifestação desse sofrimento, pois dentro de uma perspectiva sócio histórica espera-se demonstração de força e superação rápida de perdas, o que traduz a crescente ideologia pela busca do prazer e o viver bem a qualquer custo (ROCHA; FONSÊCA; SALES, 2019, p. 43).

É diante desse cenário que a vivência do luto é associada constantemente a um processo patológico e, conseqüentemente, pouco tolerado e tendendo à hipermedicalização dos sujeitos que vivenciam o momento. Rocha, Fonsêca e Sales (2019) relatam a crescente patologização do luto como problemática social, em que enlutados são medicados de forma indevida pela falta de compreensão do luto como uma reação ou vivência. Segundo os autores, o luto ainda é visto como doença. Freitas (2018, p. 50) corrobora com tal ideia ao afirmar: “Testemunhamos uma era de patologização da vida e de hipermedicalização, com pouca tolerância às vivências inerentes ao enlutamento”.

Dessa maneira, a construção de temas para debates sobre essa questão se torna essencial, no intuito de colaborar para a desconstrução desse ideal de padronização e relativização da vivência do luto. Sabe-se, porém, que muitos autores já possuem contribuição expressiva e significativa nesse caminhar de construções teóricas; entre eles, pode-se citar todas as pesquisas e publicações de Elisabeth Kübler-Ross. A autora era psiquiatra e o marco de seu trabalho foi a publicação do livro *Sobre a morte e o morrer* (2017), através do qual apresentou um modelo de estágios do processo do morrer.

Entretanto, a descrição feita por Kübler-Ross se mostra arriscada, na medida em que as pessoas iniciaram uma interpretação de um modelo estático e fechado de fases que iniciam no diagnóstico e seguem até a morte do paciente. Esta compreensão pode intensificar os processos de normatização das experiências de perda, através de comportamentos e expressões possíveis e que serão esperados em situações de luto, sendo as demais expressões vividas nesse momento vistas como patológicas. A má interpretação das descrições da autora contribui para certa universalização, normatização e padronização das vivências do luto por essa sociedade que ainda não consegue lidar com o tema.

Assim, o luto abordado neste texto se aproxima do viés representado por Freitas (2013, p. 97): “[...] uma vivência que aparece com uma forte exigência de ressignificação do mundo-da-vida, onde o que é perdido pelo enlutado não é apenas um ente querido, mas também formas próprias de ser-no-mundo”. Para a autora, a vivência do luto se inicia na supressão abrupta do outro, em sua corporeidade, rompendo os sentidos que eram habituais desse campo e fundo vividos na relação.

Compreende-se, assim, a perspectiva do luto como um acontecimento que se torna parte da vida do indivíduo de forma única, subjetiva e particular. Cada sujeito sente e o vivencia da sua maneira, dentro das suas possibilidades e realidades, não existindo espaço, portanto, para discussões de expressões melhores ou piores, nem normatização

de vivências ou imposição de sequências que beiram a rigidez. Kovács (2008) acrescenta que não existem padrões que definem o processo, pois devem ser levadas em consideração as maneiras como as pessoas reagem em situações de crise.

A perda de um ente querido vai muito além do profundo sofrimento psíquico; ela envolve questões próprias do ser enlutado e de suas experiências e vivências no decorrer da vida:

A vivência da perda de um ente querido costuma ser uma experiência de profundo sofrimento psíquico em que o sobrevivente perde mais do que um “outro”, perde também possibilidades próprias de existir no mundo, podendo experimentar, assim, o esvaziamento de sentido de sua existência (FREITAS, 2018, p. 52).

Tendo em vista essa concepção, Rocha, Fonsêca e Sales (2019) acrescentam que cada sujeito supera e vive o seu momento de perda de forma particular, entretanto, é necessário que haja um espaço para manifestação dos sentimentos provenientes da perda. Além do espaço adequado, compreende-se a necessidade da rede de apoio como suporte para os indivíduos enlutados.

É importante ainda destacar os rituais de despedida, também reconhecidos como rituais de passagem entre a vida e a morte, que possuem significados que variam de acordo com cada sociedade, tendo em vista suas crenças, seus valores culturais e religiosos e as circunstâncias de ocorrência da morte. Os códigos culturais estabelecidos para rituais fúnebres são determinados por cada sociedade e envolvem cerimônias de despedidas, homenagens e tratamento dado aos corpos.

Entretanto, a partir do momento em que há o rompimento de uma relação significativa para cada sujeito, os rituais de despedida passam a ter sentido subjetivo e podem ser facilitadores ou organizadores do luto. Nessa perspectiva, Ribeiro (2002, p. 12) afirma que “existe uma riqueza simbólica que se expressa fortemente durante o ritual funerário”. Para a autora, não são meramente corpos e objetos que são enterrados, mas corpos e objetos repletos de significado simbólico, único e particular; por isso é que o ritual de enterrar os mortos exige elaboração e segue algumas prescrições.

Freitas (2013) descreve que cada sociedade vivencia os ritos fúnebres de formas diferenciadas, dando seu sentido próprio para o momento. E para Ribeiro (2002), cada ritual funerário refere-se à vida, que ocorrerá em outro lugar, outra dimensão ou até mesmo outra forma de sucessão que possa ser atribuída a esse rompimento social e da corporeidade do outro.

Portanto, a não realização de rituais de despedida, bem como a não proximidade da rede de apoio, possuem implicações diretas na vivência do processo de luto, tais como dificuldade em expressar a dor ou sofrimento vivenciado, sentimentos de solidão e desamparo, além do aumento dos níveis de ansiedade, entre outros, tornando necessário o debate sobre as abordagens de cuidado em saúde mental.

A seguir, é apresentada a metodologia utilizada neste estudo, a fim de compreender o luto decorrente da pandemia da COVID-19, suas implicações sociais e subjetivas, baseando-se em conceitos da Gestalt-terapia.

METODOLOGIA

Buscando construir reflexões sobre o luto durante a pandemia do novo coronavírus a partir de entrelaçamentos com a teoria da Gestalt-terapia, este estudo se constitui como uma pesquisa teórica e reflexiva. A pesquisa teórica, para Bonin (2008, p. 124), é definida como “[...] rede de conceitos que a problemática em elaboração solicita; identificar autores e proposições férteis para elaborar a construção e debruçar-se efetivamente num trabalho reflexivo sobre eles”.

Dessa forma, ressalta-se que os caminhos de estudo metodológicos utilizados para construção deste trabalho, obtenção de dados e interpretação do cenário atual vivenciado com a pandemia da COVID-19 tiveram como base a perspectiva qualitativa, com método descritivo, exploratório e explicativo. A pesquisa bibliográfica ocorreu através de consultas a bases de dados em plataformas de pesquisas científicas, com busca por palavras-chave como: Coronavírus, Luto, Gestalt-terapia, Psicologia e Fenomenologia; além da busca de dados atualizados sobre a pandemia da COVID-19 nos sites da OMS, do Ministério da Saúde e Fiocruz.

Os acessos às bases de dados ocorreram no período de maio a junho de 2020, utilizando enquanto materiais de análise artigos publicados sobre o tema, boletins atualizados, notas orientativas à população, disponibilizadas nos meios oficiais, e cartilhas construídas para auxiliar o enfrentamento da pandemia.

Os procedimentos teórico-metodológicos utilizados foram: a) pesquisa de revisão bibliográfica e de dados publicados nos sites da OMS, Ministério da Saúde e Fiocruz; b) construção de diálogos críticos, destacando a temática do luto e sua interface com a Gestalt-terapia; e c) leitura intertextual para construção de ideias a partir do entrecruzamento de dados e teorias acerca da temática abordada.

LEITURA DO LUTO POR COVID-19 A PARTIR DA GESTALT-TERAPIA

O período pandêmico gerado pelo novo coronavírus traz à tona a temática da morte e do morrer. A sociedade se vê obrigada a lidar com situações que envolvem sofrimento e angústia, uma vez que a morte se torna real e, conseqüentemente, o processo de luto é experimentado. A COVID-19 gera abruptas transformações e adaptações sociais, impondo limitações a toda sociedade, que passa a vivenciar processos de perdas, sejam elas pelo rompimento de relacionamentos, perda de empregos e até mesmo com a morte de entes queridos ou pessoas próximas.

A pandemia do novo coronavírus torna real a evocação de nossa condição mortal,

assim como a irreversibilidade da morte. O quantitativo apresentado nos boletins se torna assustador a partir do momento em que, tendo um olhar humanizado, dá-se conta de que os números são vidas perdidas. O quantitativo de pessoas enlutadas é expressivo e o isolamento torna-se um fator preocupante para aqueles que vivenciam o rompimento da relação e necessitam da sua rede de apoio.

Neste viés, compreende-se que a Gestalt-terapia aborda a temática do luto como um processo que oportuniza o crescimento individual, diante da conscientização do que é inevitável na existência humana: lidar com perdas e a morte. Para Juliano (1999, p. 139), “não existem marcos importantes em nossas vidas que não estejam acompanhadas de sentimentos de morte, porque não existe crescimento sem finalizações e perdas”.

A abordagem gestáltica busca a *awareness* do processo que está sendo vivenciado, apesar do sofrimento que é evidenciado em contextos de perda. O conceito de *awareness* é explicitado por Ginger e Ginger (1995, p. 254) como uma “tomada de consciência global no momento presente, atenção ao conjunto da percepção pessoal, corporal e emocional, interior e ambiental (consciência de si e consciência perceptiva)”. Isso traz a importante reflexão de que, para que o luto seja um processo de crescimento, é necessário entrar em contato, perceber os sentimentos provocados diante da ausência sofrida.

Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 68) nos descrevem, ainda: “Todo ato contatante é um todo de *awareness*, resposta motora e sentimento – uma cooperação dos sistemas sensorial, muscular e vegetativo – e o contato se dá na superfície-fronteira *no* campo do organismo/ambiente”. A partir destas descrições, pode-se compreender que o contato com as questões geradas no momento do luto é importante para facilitar o processo de resignificação do vivido, pois, tal como descrevem os autores, a partir do contato, pode-se ter uma integração entre os sistemas corporais, gerando, de certa forma, uma conscientização e vivência de sensações, a *awareness* da experiência vivenciada.

Considerando-se o conceito de *awareness* e a temática do luto, nota-se que a vivência desse processo não era comumente aceita pela sociedade moderna, dentro de uma construção sócio-histórica, tornando-se um tabu até mesmo os debates e discussões sobre o assunto. Entretanto, a COVID-19, dentro de suas inúmeras surpresas e particularidades, oportuniza a resignificação deste assunto, havendo a real necessidade de refletir sobre o processo de morte, propor discussões sobre o tema, para que, então, a sociedade possa ter o mínimo de conhecimento para a permissão do acolhimento ao sofrimento, à dor que, ao mesmo tempo em que é particular e subjetiva, neste período, torna-se também coletiva, evidenciando o processo de luto como uma problemática social.

Martins e Lima (2014, p. 32) esclarecem sobre a importância dessa conscientização no processo vivenciado: “Almeja-se que o indivíduo supere essas situações extremas e continue seu desenvolvimento de forma saudável e constante se renovando e aprendendo a se reinventar a partir do que é oferecido pela vida”.

Pode-se perceber o luto como um momento de inevitável resignificação, do contato com o novo, com a ausência, que incita, na identificação de novas formas para estar presente, o que já se foi. Como retratado por Fukumitsu (2012, p. 159, grifo do autor):

A enfadonha obrigação de lidar com o *nunca mais* se inicia. No entanto, quando a experiência é assimilada, torna-se parte do organismo e em contrapartida, o luto emerge como um processo pelo qual a pessoa tenta elaborar o impacto da ausência do outro ou do objeto perdido e principalmente tenta elaborar a falta de significados.

Deve-se considerar a subjetividade do indivíduo, de forma que, em cenário pandêmico, cada pessoa pode reagir de forma diferente, mesmo que as perdas ocorram dentro do mesmo contexto. A subjetividade deve ser tomada como base nas atuações perante o enlutado. A Gestalt-terapia, baseada na relação dialógica, que é embasada pelo filósofo Martin Buber, busca considerar o indivíduo enlutado em suas particularidades, no intuito de evidenciar a relação humanizada, auxiliando o enlutado a partir do entre, em cada encontro, mesmo que em novas configurações, como em meios tecnológicos. “Na visão buberiana, o significado do inter-humano não é, pois, encontrado em um dos parceiros nem nos dois juntos, mas no diálogo que entre eles é estabelecido, no entre vivenciado por ambos” (MENDONÇA; COSTA, 2012, p. 97).

Vale ressaltar que um dos focos de interesse dos estudos de Martin Buber que possuem influência na construção dos pressupostos da Gestalt-terapia, diante da temática da relação dialógica, são as possibilidades de interação do sujeito com o meio. Entre elas, destaca-se aqui a relação “eu-tu”, na qual o contato se dá entre pessoa e pessoa, sujeito com sujeito.

Sob um olhar existencial, o luto pode ser assimilado como uma vivência originária de situações de transformações repentinas nas formas de vinculação do ser, diante de uma relação eu-tu. Freitas (2013, p. 97) conceitua o luto como “vivência que emerge de uma mudança abrupta em uma relação eu-tu com a supressão da corporeidade do tu”. Nesse sentido, o “tu” não estaria presente em sua materialidade, porém, ainda se apresenta como parte dessa existência do sujeito enlutado por meio de fotos, lembranças, momentos simbólicos e por outras formas.

A autora acrescenta que “perder um ‘tu’ com quem nos relacionamos é, portanto, uma forma de perder um espaço expressivo de si mesmo” (FREITAS, 2013, p. 103). Tendo a Gestalt-terapia como pressupostos filosóficos a fenomenologia e o existencialismo, o luto pode então ser concebido como aquilo que é próprio do humano, a partir da compreensão do fenômeno como uma vivência singular, um fenômeno dado no mundo e com os outros.

Ao abordar o luto como um processo natural da vida, é importante desconstruir a visualização do enlutado como um ser adoecido e sem perspectivas de completude futura. Para Fukumitsu, Cavalcante e Borges (2009, p. 176), “na perspectiva gestáltica, saúde e doença não são conceitos estáticos e podem ser

entendidos como formas do organismo total tentar dar um sentido peculiar à sua existência, na busca de trocas constantes com o contexto no qual está inserido”. Portanto, a Gestalt-terapia destaca a desconstrução de alguns conceitos enraizados sobre a patologização e o que se entende como saúde e doença.

Pode-se compreender, então, que a saúde do indivíduo, para a Gestalt-terapia, depende do equilíbrio homeostático, da regulação desse organismo. Apenas quando esse processo de autorregulação falha e o organismo se mantém em um estado de possível desequilíbrio por muito tempo, não conseguindo satisfazer às suas necessidades, é que se diz estar “doente”.

Kiyan (2006, p. 156) relata que, “devido a influência do holismo, na Gestalt-terapia saúde está longe de significar pura e simplesmente ausência de doença”. Nesse sentido, o conceito de saúde poderia associar-se a um *bem-estar* em campos variados de vida do indivíduo, de forma global, sejam eles no âmbito biológico, psicológico e também social.

Constata-se que, diante do cenário de pandemia gerado pela COVID-19, é necessário o contato com o sentimento que este período gera em cada um, olhar para si mesmo e se permitir sentir e expressar também a vivência de algo inusitado e desconhecido. Para tanto, é importante estar conectado com o aqui e agora, com suas vivências no momento presente, visando à manutenção desse equilíbrio, do *bem-estar* saudável para cada um.

Sabe-se que a COVID-19 traz à sociedade incertezas, medos, desconforto e angústias, contudo, ao estar, de fato, no momento presente, deve-se acolher as situações possíveis e visualizar o que se pode realizar naquele instante, pois, ao se fixar em situações passadas ou fantasiar sobre situações que sucederão, perde-se a possibilidade de adaptação, resignificação e de dar sentidos à sua existência no aqui e agora.

Nessa perspectiva, pode-se inserir ainda a ideia descrita por Perls (1988), referente ao aprendizado, relacionando este à descoberta de possibilidades. Segundo o autor, o contato com as descobertas gera o aprendizado, o qual é necessário para o crescimento humano. Por isso é que o ser humano, ao se deparar com situações desagradáveis ou momentos dolorosos, tem uma tendência a fugir e tornar-se insensível, utilizando, muitas vezes, meios e caminhos que impedem o processo de crescimento.

Para tanto, é fundamental permitir-se aprender a partir do fenômeno que se apresenta diante do cenário da COVID-19, para que, diante das novas possibilidades, haja também desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos. Desse modo, vivenciar o luto de forma saudável é buscar o equilíbrio entre a perda e a necessidade de reformular o que ainda será vivido na ausência de outrem.

Cardoso (2016, p. 192) também aborda um significado sobre saúde e doença para a Gestalt-terapia, que se faz relevante diante do atual contexto:

[...] a saúde está relacionada a capacidade da pessoa de realizar ajustamentos criativos, ou seja, responder de modo criativo e autêntico as próprias demandas e aquelas do ambiente, em maior contato possível com todas as

vivências despertadas naquela situação, o que inclui suas possibilidades e limitações no momento presente. Por outro lado, a forma disfuncional de ser e de estar no mundo caracteriza-se por modos repetitivos, cristalizados, alienados e irrefletidos de existir. Note-se que a ênfase não está em algo que acomete a pessoa (como uma patologia que se instala), mas na perspectiva processual - na maneira como ela se posiciona diante da vida.

Em consideração ao cenário que emerge perante o contato com novas configurações, como a falta de controle e a imprevisibilidade diante do desconhecido, se faz necessário explanar a busca por equilíbrio através dos *ajustamentos criativos*: “termo proposto por Goodman, para caracterizar a interação ativa (e não a adaptação passiva) que acontece na fronteira de contato entre a pessoa saudável e seu meio” (GINGER; GINGER, 1995, p. 254). Nesse sentido, “[...] pensando no termo ajustamento criativo e desmembrando-o, podemos entender que esse processo demanda um ajustamento possível naquele momento, porém, interagindo criativamente dentro do campo de interação” (KIYAN, 2006, p. 158).

Compreende-se, então, que o processo de luto demanda as configurações de ajustamento criativo, com apropriação também de padrões já estabelecidos perante a sociedade, tais como os rituais de despedida. Atualmente, os rituais seguem as recomendações e orientações científicas e técnicas para enfrentamento do novo coronavírus, havendo isolamento do enfermo e não execução de rituais de sepultamento com aglomerações, a fim de diminuir os riscos sanitários e de contaminação.

Diante dessa realidade e do distanciamento presencial das redes de apoio, torna-se ainda mais necessário o desenvolvimento desse potencial criativo do ser humano, o qual deve ser ressaltado, na tentativa de tornar fluido o processo de luto. Apesar das circunstâncias e mudanças que são experienciadas, esse processo pode reverberar em outros campos da vivência do indivíduo, o qual, muitas vezes, se encontra cristalizado nas formas que eram vivenciadas anteriormente.

Nesse sentido, a Fiocruz também traz sugestões ao processo e rituais de despedida, que podem ser exemplos de ajustamentos criativos diante deste contexto (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2020). Dentre estes, sugere-se a realização de um memorial na residência do enlutado; realização de rituais fúnebres alternativos, como cultos ou missas *online*; homenagens virtuais; fortalecimento da rede que envolve a religiosidade e crenças individuais e particulares; e o fortalecimento da rede socioafetiva, que, mesmo não sendo possível com proximidade física, pode ser amenizada pela presença virtual. Destaca-se que devem ser avaliadas as formas de ajustamento de cada indivíduo, auxiliando no processo de autoconhecimento, para que cada um seja capaz de vivenciar esses rituais de uma nova forma, sem introjeções.

Nessa concepção de ajustamentos e interações, Perls (1988, p. 39) afirma:

A abordagem gestáltica, que considera o indivíduo uma função do campo organismo/meio e que considera seu comportamento como um reflexo de sua ligação dentro deste campo, dá coerência a concepção do homem tanto como indivíduo quanto como ser social.

Seja de forma individual ou diante do compartilhamento com outros indivíduos enlutados, o processo de autorregulação do ser humano ocorre diante do campo vivencial, como um ser integrado com o meio.

Para tanto, utiliza-se o conceito de autorregulação organísmica (homeostase), abordada na teoria de Goldstein para retratar as demandas que surgem como figura a partir da relação do organismo com o meio. Em Lima (2014, p. 92), é explicitado que, “[...] para que a autorregulação aconteça, é imprescindível que o ser humano conte com seu potencial criativo para inventar outros modos e ser um agente criador nesse processo interacional de ser alguém que habita e se realiza no mundo”.

Perls, Hefferline e Goodman (1997) ressaltam que o conceito de autorregulação organísmica é uma forma psicológica que se constitui a partir da consciência espontânea das necessidades que são dominantes no momento presente para o sujeito, bem como a organização das funções de contato nesse processo.

Pode-se relacionar, então, esta perspectiva ao cenário vivido na pandemia do novo coronavírus, na medida em que a imprevisibilidade diante do desconhecido obriga a sociedade a se conectar com o momento presente, a relação atual estabelecida com esse meio para atender às necessidades que emergem no aqui e agora, considerando a homeostase desse sujeito.

Outro aspecto abordado na Gestalt-terapia é o conceito de autossuporte, importante quando retratamos o isolamento social e o distanciamento das redes de apoio. Para Perls, “Uma vez que a meta da terapia é dar ao paciente um instrumento – o auto-suporte – com o qual possa resolver suas próprias dificuldades, podemos trabalhar efetivamente com cada situação como ela se apresenta” (1988, p. 97). Desta forma, para o teórico, à medida em que se trabalha a autossuficiência de cada sujeito, facilita-se os demais passos de resignificação.

Deve ser evidenciada, assim, a individualidade e a capacidade de cada pessoa enlutada de buscar novas formas perante o contexto da COVID-19. A espontaneidade e a criatividade devem ser estimuladas para que se construa um olhar diferenciado para a continuidade da vida do ser enlutado. Nesse cenário, a Gestalt-terapia, independente do campo de atuação do Gestalt-terapeuta, proporciona aos sujeitos enlutados um espaço de escuta ativa, legitimando toda a expressão de dor proveniente dessas perdas e acolhendo o sofrimento dos sujeitos.

A Gestalt-terapia contribui expressivamente no contexto de enlutamento gerado pela COVID-19, possibilitando o restabelecimento da fluidez desse processo, proporcionando a conscientização de cada indivíduo em relação ao seu funcionamento, para que, atentos e conectados às suas necessidades, possam encontrar a melhor forma para buscar adaptações e resignificações diante das ausências corporais que se estabelecem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática do luto desenvolvida neste texto é relevante na medida em que observamos a escassez de debates a respeito do assunto, tendo como base perspectivas fenomenológicas-existenciais. Muitos estudos e trabalhos são desenvolvidos e publicados a respeito do luto, porém, no viés da Gestalt-terapia, ainda é algo relativamente limitado. Descrever os aspectos vivenciais e refletir sobre o tema da morte e do morrer, tendo como base conceitos e perspectivas gestálticas, contribui no processo de minimizar as diversas tentativas de normatização e patologização do luto, além de colaborar com a ampla discussão na atmosfera social.

Notamos a importância do ato de falar e discutir sobre angústias, dores ou aflições no intuito de atenuar a supervalorização que a sociedade moderna concede apenas às expressões de felicidade, que geram certo vazio existencial quando não integradas com o real sentimento do sujeito. A partir dessa premissa, consideramos que a sociedade teria maior conhecimento e, conseqüentemente, amparo e acolhimento ao se deparar com o sofrimento próprio do ser humano nesse processo.

Acreditamos, ainda, que a relevância de todos esses princípios citados é intensificada quando se trata do período pandêmico gerado pela COVID-19, onde a temática do luto, o processo de morte e do morrer tornam-se reais, próximos e frequentes. O debate sobre o assunto se faz urgente e necessário, principalmente, quando observamos as inúmeras nuances com que a população brasileira precisa lidar neste período, pois, além do processo de adaptação e ressignificação de fatores do seu dia a dia, a sociedade enfrenta uma grave crise política que reverbera diretamente no coletivo.

Estudos nesta direção, com uma investigação mais ampla a respeito da temática da morte e do morrer e, conseqüentemente, do luto, são necessários para que o tema possa ser compreendido de forma global, tal como se fala sobre suicídio, viuvez, cuidados paliativos, luto em idosos e outros espaços. Compreendemos que a Gestalt-terapia pode ser debatida e compreendida em sua atuação, que vai além do espaço clínico, evidenciando, assim, o seu importante e relevante papel social e contribuições nos aspectos de educação da população.

Acreditamos e concordamos que a Gestalt-terapia, tendo como herança conceitos do movimento humanista, tem a crença no humano como potência para a transformação, buscando otimizar condições da existência a partir do fenômeno que é dado e apresentado à consciência de cada um. Não valorizamos a ideia de que indivíduos enlutados não possuem perspectivas de completude futura e de que o luto possui fases rígidas e que serão minimamente vividas nesse caminhar. Nesse sentido, ao falar de luto, falar de morte, é também possível falar de vida, de possibilidades e de ressignificações.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, C. Cientistas à beira da pia. **Boletim Cientistas Sociais**, n. 56, p. 4-7, 5 jun. 2020. Disponível em: http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim_CS/Boletim_n56.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

BETIM, F. Em cadeia de TV, Bolsonaro minimiza coronavírus para insuflar base radical. **El País**, São Paulo, 25 mar. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-25/em-cadeia-de-tv-bolsonaro-minimiza-coronavirus-para-insuflar-base-radical.html>. Acesso em: 30 jun. 2020.

BONIN, J. A. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Rio Grande do Sul, v. 15, n. 37, p. 121-127, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4955/495550193018.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2020.

BRASIL tem 1.264 mortes por coronavírus em 24 horas [...]. *In*: PORTAL G1. [S. l.], 3 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/03/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-3-de-julho-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 14 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>. Acesso em: 14 jul. 2020.

CARDOSO, C. L. (ed.). **Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016. (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas).

FREITAS, J. L. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 97-105, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 maio 2020.

FREITAS, J. L. Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 50-57, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642018000100050&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 maio 2020.

FUKUMITSU, K. O. Luto. *In*: D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. **Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2012. p. 159-160.

FUKUMITSU, K. O.; CAVALCANTE, F.; BORGES, M. O cuidado na saúde e na doença: uma perspectiva gestáltica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 172-182, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v9n1/v9n1a14.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2020.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Saúde mental e atenção psicossocial na Pandemia COVID-19: processo de luto no contexto da COVID-19**. [Rio de Janeiro]: Fiocruz, 2020. Disponível em: <http://renastonline.ensp.fiocruz.br/recursos/saude-mental-atencao-psicossocial-pandemia-covid-19-processo-luto-contexto-covid-19>. Acesso em: 14 jul. 2020.

GINGER, S.; GINGER, A. **Gestalt: uma terapia do contato**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1995.

JULIANO, J. C. **A arte de restaurar histórias: o diálogo criativo no caminho pessoal**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1999.

KIYAN, A. M. M. **E a Gestalt emerge: vida e obra de Frederick Perls**. São Paulo: Altana, 2006.

KOVÁCS, M. J. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, p. 457-468, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n41/v18n41a04.pdf>. Acesso em: 31 maio 2020.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LIMA, P. V. A. (ed.). **Gestalt-terapia**: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus, 2014. (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas).

MARTINS, M.; LIMA, P. V. A. Contribuições da Gestalt-terapia para os enfrentamentos das perdas e da morte. **IGT na Rede**, v. 11, n. 20, p. 3-39, 2014. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs>. Acesso em: 23 jun. 2020.

MENDONÇA, M. M.; COSTA, V. E. S. M. Eu-tu e eu-isso. In: D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. **Dicionário de Gestalt-terapia**: "Gestaltês". 2. ed. São Paulo: Summus, 2012. p. 97-100.

MOURA, R. P. O coronavírus e a denúncia das desigualdades contemporâneas a partir de um risco de alta-consequência. In: UNIVERSIDADE DE COIMBRA. Centro de Estudos Sociais. **OSIRIS**: Observatório do Risco. 11 abr. 2020. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/ficheiros2/sites/osiris/files/Rafael_Pecanha_Coronavi%CC%81rus%20e%20a%20denu%CC%81ncia%20das%20desigualdades_11_abril_2020.pdf. Acesso em: 27 jun. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 14 jul. 2020.

PERLS, F. S. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

PERLS, F. S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. Trad.: Fernando Rosa Ribeiro. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997.

RIBEIRO, L. B. **Limpando ossos e expulsando mortos**: estudo comparativo de rituais funerários em culturas indígenas brasileiras através de uma revisão bibliográfica. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

ROCHA, A. P. C.; FONSÊCA, L. C.; SALES, R. L. Dialogando sobre a morte como forma de prevenção do luto mal elaborado. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 8, n. 12, p. 31-50, 2019. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1054>. Acesso em: 19 jun. 2020.

SOUSA, J. M.; SOUZA, J. B.; SANTOS, D. O. Por uma ciência que escute. **Boletim Cientistas Sociais**, n. 56, p. 1-4, 5 jun. 2020. Disponível em: http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim_CS/Boletim_n56.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

